

**'MONALISA, MELHOR  
NÃO ESCREVER ISSO...':  
memes em  
(des)construções**

"BUT, MONA, WE CAN'T PUBLISH  
THAT..." memes in  
(des)constructions

'MONALISA, MEJOR NO  
ESCRIBIRLO...': memes em  
(de)construcción

**Elenise Cristina Pires de Andrade<sup>1, 2</sup>**

## RESUMO

Instigada pela questão proposta pelo dossiê: "Não se trata da pós-construção de verdades objetivas ou subjetivas, formais ou ideológicas, mas de *(pós)verdades* lúdicas. Há, nas escritas, uma *pós-verdade* que não seja imediatamente mentira? O que pode a *pós-verdade*, as escritas e...?" Desescrever é não escrever? É apagar? É descrever? Planos-camadas. "Como é que é Edgar?", "Tom, melhor não escrever isso", "Sir Issac, gostaria de publicar essa afirmação?". Fotografias, frases, pós-produção de sentidos. Monalisa, Monacrespa, Mona que desistiu do Louvre, Mona com um maço de folhas de *Cannabis sativa*. Dobras de pensamentos. Há algum lugar para uma suposta verdade? Edições ditam algo? Descontinuidade no gesto do ris(c)o. Rir e ar-

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Professora titular do Departamento de Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana e dos Mestrados em Educação e em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Integrante do Grupo de Pesquisa Humor Aquoso (UNICAMP, SP) e Trace (UEFS). E-mail: [nisebara@gmail.com](mailto:nisebara@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Educação. Avenida Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, CEP: 44036-900 - Feira de Santana, BA – Brasil.

riscar. Ar no sentido de que é preciso arejar corações e mentes e almas e cadernos e lousas e mídias. Ar que entra-sai e... Movimento rítmico. Gesto imperceptível. E... e... e...

**PALAVRAS-CHAVE:** Memes; filosofia da diferença; imagem.

### **ABSTRACT**

I've been instigated by the issue proposed by the dossier: "This is not the post-construction of objective or subjective truths, formal or ideological, but of (post-) playful truths. Is there, in the writings, a post-truth that is not immediately a lie? What can the post-truth, the writings and ...?" Is non-writing to write? Is it erase? Is it to describe? Flat-layers. "How is Edgar?" "Tom, you better not write that," "Sir Issac, would you like to publish this statement?" Photographs, phrases, post-production of senses. Monalisa, Monacrespa, Mona who gave up the Louvre, Mona with a sheaf of *Cannabis sativa* leaves. Folds of thoughts. Is there somewhere for a supposed truth? Do they dictate anything? Discontinuity in the gesture of the risk? To risk in the sense that it is necessary to air hearts and minds and souls and notebooks and slates and media. Air that comes in comes out and ... Rhythmic movement. Imperceptible gesture. And ... and ... and ...

**KEYWORDS:** Memes; philosophy of difference; image.

### **RESUMEN**

Impulsada por la pregunta planteada por el dossier: "No se trata de las verdades a posteriori la construcción de objetivos o subjetivos, formales o ideológicas, sino de (post) verdades lúdicas. Hay, por escrito en un post-verdad que no se encuentran inmediatamente? Qué puede hacer el post-verdad, escrita y ...?" Des-escribir no es escribir? Está claro? Usted describe? Planes-capas. "¿Cómo es Edgar?" "Tom, mejor no escribir eso", "Sir Issac, le gustaría publicar esta declaración?". Fotos, frases, post-producción em los sentidos. Monalisa, Monacrespa, Mona dio el Louvre, Mona con un fajo de hojas de la cannabis sativa. Se pliega pensamientos. ¿Hay un lugar para una supuesta verdad?



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p145>

Problemas dictan algo? Discontinuidad en risa-riesco. Reír y aire rascado. El aire en el sentido de que es necesario airear los corazones y las mentes y las almas y los cuadernos y pizarras y medios de comunicación. El aire entra y sale ... movimiento rítmico. Imperceptiblemente. Y ... y ... y ...

**PALABRAS-CLAVE:** Memes; filosofía de la diferencia; la imagen.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p145>

“A verdade é que a rua ficou sendo outra coisa, com as pessoas descobrindo que não precisam mais fazer fila no boteco ou na farmácia para dar um recado telefônico. Na própria calçada, uma vez comprada a ficha no jornaleiro, comunicam-se. Tão simples. Em outras cidades desse mundinho que é o mundo, já se fazia isso há muito tempo, mas aqui é novidade grande/gostosa.”

*Amenidades da rua*, Carlos Drummond de Andrade<sup>3</sup>

Tão simples. Chu Ming Silveira, em meados de 1970, elabora o design dos Orelhões e a C.T.B (Companhia Telefônica Brasileira) os instala em algumas cidades em 1972<sup>4</sup>. A ficha caía para as ruas e as orelhas e os sons e os ruídos? Sentidos que se proliferam e aglutinam tempos e espaços. Segundo a ANATEL, na cidade de Feira de Santana, Bahia, tendo como mês de referência abril de 2017, temos 2447 TUP (Telefones de Utilidade Pública)<sup>5</sup>. Orelhões, fichas, smartphones, internet, Wi-Fi. Tão simples! Instigo ainda mais nossas sensações *telefônicas*: quem ainda telefona nos celulares? O que nos impulsiona aos aparelhos de telefonia móvel quando não estão conectados à internet? Que tipo de desassossegos essas novas “fichas” nos possibilita(ria)m cair?

“Será que não valeria a pena falar com esse rato?”, pensou. “Tudo é tão extraordinário aqui, que é até bem provável que ele saiba falar... De qualquer jeito, não custa nada tentar.”

[...]

“Talvez ele não entenda inglês”, pensou Alice. “Eu acho até que é um rato francês, que veio junto com o rei Guilherme, o Conquistador, quando ele invadiu a Inglaterra” (pois, com todo o seu conhecimento

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.orelhao.arq.br/>. Crônica publicada no Jornal do Brasil em 27/1/1972. Acesso: 03 abril 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.orelhao.arq.br/>. Crônica publicada no Jornal do Brasil em 27/1/1972. Acesso: 03 abril 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/sgmu/TUP/Lista/frmlistagemMunicipio.asp?opcao=4&SISQSMo=17510>. Acesso: 03 abril 2017.

de História, Alice não tinha uma noção muito clara sobre há quanto tempo as coisas aconteceram). (CARROLL, 2009: 27)

EleniseAlice que também não tem uma noção muito clara sobre há quanto tempo os Orelhões aconteceram, os aparelhos de telefonia móvel fazem parte de nossas sensações, a internet nos avisa sobre riscos de segurança. Muito menos se nossas lágrimas nos encharcam à la Fernando Pessoa ou *World Wide Web*.

Talvez eu precise achar um Rato para conversar...



**Imagem 1:** Fonte: <https://pbs.twimg.com/media/CokDzTtWgAAVpDG.jpg>



**Imagem 2:** Fonte: [https://biodicasdotcom.files.wordpress.com/2016/07/13659053\\_152420075180515\\_6087227473001872434\\_n.jpg?w=863](https://biodicasdotcom.files.wordpress.com/2016/07/13659053_152420075180515_6087227473001872434_n.jpg?w=863)

Rato, Newton, Darwin. Como seria possível conversarmos com eles? *Où est ma chatte?* arrisca Alice perguntando ao Rato onde estaria Diná, sua gatinha. Já com os outros dois... Publicações, produções de conhecimentos científicos instituídos, ampliados, presentes em academias, escolas, produções cinematográficas, literaturas, ruas, publicidades, museus, e memes. Que mares

são esses? “E as perguntas, bem como suas respostas não nos interessam, porque o que interessa é seguir os fluxos e as velocidades do espaço contemporâneo, abrindo em nós um olho adormecido que vê o que já está visto e revisto [...]” (PREVE, 2013: 53). #ficaadica.

Ana Preve (2013) nos *atravessa* com pensamentos e escritas nos interstícios e fissuras de uma geografia intensiva. Quando nos diz sobre um olho adormecido e estático e com uma sensação de “bem estar” nos remete às cidades e às imagens. “As repetições imagéticas acerca do espaço paralisam o pensamento e asseguram uma comunicação com a informação espacial e não nos impulsionam para uma experiência *nos* e *com* os espaços (p. 53)”. Cidades, ruas, espaços, fugas pelos meios, imagens, geografias são as intensidades desdobradas pela pesquisadora e que, aqui, roubo essa vibração, esses vacúolos de comunicação, como nos diz Deleuze (2006), e não a comunicação. “Esquecer, apagar o já sabido, produzir silêncios capazes de apagar os blá-blá-blás de modo a abrimo-nos à criação [...]” (PREVE, 2013: 57)

*Sai, porra, não cabe. Ei mermão, vacilão aqui morre cedo.* Silêncios de comunicação, ao considerarmos Sir Issac bravo com o “brou”? Apagamentos de blá-blá-blás ao nos possibilitarmos pensar Charles “mandando ver” com o *vacilão*? Minha proposta, aqui, não é somente a imagem deslocada das palavras, mas uma completa confusão das expressões, quase considerar Newton e Darwin postando #ficaadicamerião; #porranãoinsiste.

(Des)ocupações em escritas a pretenderem ex-critas, quase escritas, quase ex-critas. Ex criptas em resistências às armadilhas do mundo que tanto nos fascina, como nos diz Ana Godinho (2016). “Já não somos doentes, somos clientes empreendedores e inovadores, sempre em acção (ou reacção). Somos agentes operacionais, técnicos das superfícies mais diversas. [...] Sabemos,

supomos, quem somos, individualizamo-nos, sem remédio nem desejo" (p. 31). (Re)voltemo-nos a desejar. Gaguejar no sentido de esgarçar de tal forma os dualismos que eles se des-com-sub-vertam em fios. Des-afiar. *Não podemos publicar isso...* E se pudéssemos?



### Imagem 3

Fonte:

<https://i.pinimg.com/736x/32/c6/e3/32c6e3ac37f28d626b73f27026e4dd2e--book-jacket-meme.jpg>

escrever? É apagar? É descrever?

Que (des)critas em (des)encantos nos acompanham? Percorrer pelos memes em busca de linhas escreventes, que, talvez nem tenham a pretensão de serem lidas. Não procurar um trajeto narrativo, mas forças em devires. Perambulação. Abandonar as certezas que, porventura, ainda se efetivem.

Planos-camadas.

Deslocar, desclassificar. Pensamentos desejantes em desequilibrar fronteiras fixas entre imagem, escritas, ficção e realidade; conhecimento e explicação. "Longe de constituir uma prática a-política ou um discurso errado, a ficção trava uma relação complexa com a verdade e atravessa a realidade no seu conjunto, determinando aspectos centrais das nossas sociedades contemporâneas." (PELLEJERO, 2008:6).

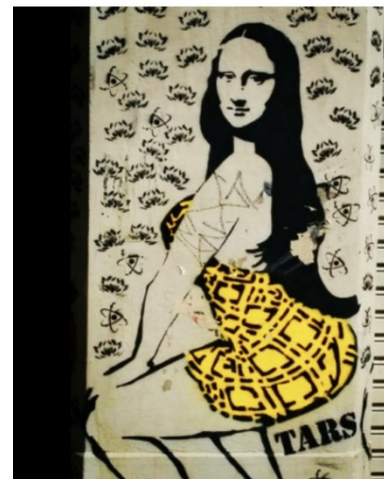
Intensidade do instante. Podemos ou não podemos publicar isso? *Então escreve aí..* haveria, nas escritas, uma *pós-verdade* que não seja imediatamente mentira? O que pode a *pós-verdade*, as escritas e...? Desescrever é não



**CANSEI**

**Imagem 4**

Fonte:  
[https://rositaiguana.files.wordpress.com/2016/04/944905\\_984006981710677\\_6336883625074766269\\_n.jpg?w=552](https://rositaiguana.files.wordpress.com/2016/04/944905_984006981710677_6336883625074766269_n.jpg?w=552)



**Imagem 5**

Fonte:  
<https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Screenshot Shot 2015-02-15 at 12.51.13 PM-450x451.png>

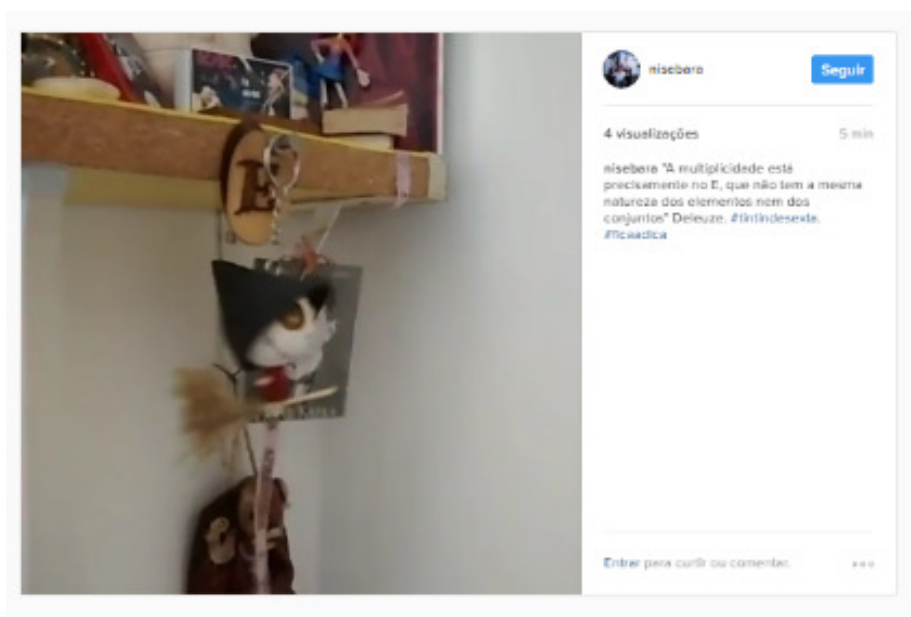
Cansaços, danças, muros.

Uma criação efêmera, um gesto quase banal: adicionar letras a imagens quase icônicas de pesquisadores/naturalistas/artistas/filósofos praticamente conhecidos por todos que frequentam as redes sociais. Não se importar pelo desejo de verossimilhança, pela vontade de fixar uma voz verídica, mas um pulsar na multiplicidade de expressões e na abertura aos sentidos que não se deixam fixar.



“Quando Godard diz que tudo se divide em dois, e que de dia exista a manhã e a tarde, ele não diz que é um ou o outro, nem que um se torna o outro, virando dois. Pois a multiplicidade nunca está nos termos, seja qual for o seu número, nem no seu conjunto ou na totalidade. A multiplicidade está precisamente no *E*, que não tem a mesma natureza dos elementos nem dos conjuntos” (DELEUZE, 2006: 60).

Voando em busca de um modo, um funcionamento do gesto<sup>6</sup>.



Em seus domínios, [...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. Viraram aparições,

<sup>6</sup> Screenshot de vídeo postado em 07-04-17. Disponível em <https://www.instagram.com/p/BSlqWHyFivK/>

presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz  
(SANTAELLA, 2007, p. 24).

Quero, aqui, desestabilizar o que tradicionalmente entendemos como relações entre escritas e imagens e memórias que habitam, principalmente, os artefatos culturais presentes em lugares/espços que se pretendem de produção e divulgação de conhecimentos. “Afirmar a potência da imagem que se despreza dos critérios pragmáticos e que possibilita uma passividade sensível” (ANDRADE, 2013: 147). Cenários quase oníricos que, com os memes trazidos para o texto, (des)articulam uma mescla de ironia e provocação. Afirmando que, nesse texto, não tenho intenções em focar as mais diferentes e complexas discussões para definir e/ou alimentar um conceito de meme<sup>7</sup>. Antes, atravessamentos a-temporais entre as falas, as produções científico-filosóficas (como um vestígio firme de “regime de verdade”). Fissuras de sentidos que invadem as redes sociais e nos provocam e...e...e...

E deliciarmo-nos com as conexões quase impossíveis nesses dois grupos de memes que escolhi, tendo como único critério minha imensa admiração por eles. A Mona Lisa já permeou minhas in/out-tensões ao me atravessar junto às discussões da potência do falso (Andrade, 2006). Desde então, muito presente em minhas aulas e em minha pasta no computador “Monas”, onde desfilam e me instigaram a escrever esse texto. Já o outro grupo é um requinte de ironia, quase uma crueldade com as políticas de veracidade de uma realidade que precisa ser representada.

---

<sup>7</sup> Uma revisão consistente encontra-se em Toth; Mendes (2016). Outra rica fonte de publicações e um riquíssimo acervo sobre memes é o *Museu de Memes*, iniciativa de um grupo de pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, disponível em <http://www.museudememes.com.br/>.

E buscar revirar e remexer e (des)encontrar conceitos a revolver uma pacificação/domesticação provocadas por imagens clichês, tão preenchidas de explicações, significados e ilustrações que, praticamente, paralisam as sensações, os arroubos, os pensamentos, os fluxos vitais.

E arrastar para o texto um funcionamento criativo. Escrita-maquinaría que convida (ou deixa-se invadir?) por esses fluxos, abandonando a vontade de comunicar que, segundo Deleuze (2016), seria a transmissão e propagação de uma informação, onde informar nada mais seria do que circular uma palavra de ordem. Ainda junto ao filósofo francês:

“Comunicam-nos informação, dizem-nos aquilo em que supostamente somos capazes de acreditar, ou em que devemos acreditar, ou em que somos obrigados a acreditar. Nem mesmo acreditar, mas fazer como que se acreditássemos. Não nos exige acreditar, mas que nos comportemos como se acreditássemos” (DELEUZE, 2016: 340).

E (des)comportar... Tremores de gestos em olhares táteis. Rir e(m) tentar imaginar a impossibilidade... Uma tentativa de resistir? Um breve instante, quase imperceptível em que as palavras de ordem desordenam: *porra, mermão, cansei!* E não somos nós a bradar, mas Issac, Charles, Maria, Mona e tantos outros e outras... Vestígios de estremecimentos em que a comunicação desinforma?

E des-narrar? Santos; Colacique; Carvalho (2016) propõem que os memes possam ser entendidos como *narrativas* do cotidiano (grifo dos autores) e tecem interessantes e primorosas análises e(m) conexões com outros teóricos da educação (Nilda Alves), fotografia (Vilém Flusser) e, o que mais me encantou no texto, variadas referências de sites de memes, vídeos postados no youtube, observações cotidianas sobre os memes. Os autores não somente partem do





ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p145>

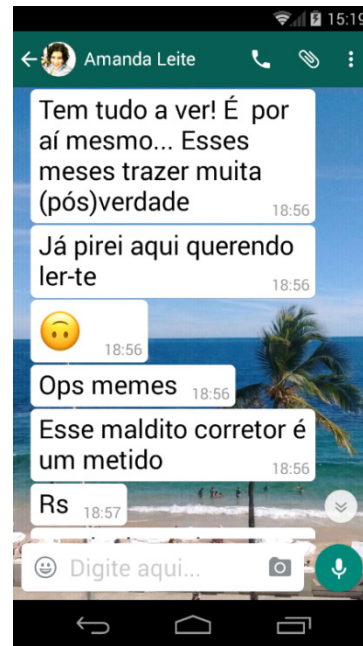
“As imagens manipuladas digitalmente transportam na sua essência uma plasticidade tal que transforma a sua constatação, altamente imperceptível, em tarefa impossível, tornando a reprodução do real numa falência da credibilidade” (BERNARDINO, 2009: 21).

Falir, arrastando os comprometimentos com a autoria, com o original, ditames morais referentes às díades original-cópia; verdadeiro-falso. Escapar. Ex capas em ex criptas na hibridização dos linguajares dos memes: “- Estranhissérrimo, estranhissérrimo! – gritou Alice. (Ela estava tão assustada que, por um momento, esqueceu como se fala direito.)” (CARROLL, 2009: 23). Gritando com o brinco numa *selfie* com a Mona? Seria Mona “tirando onda” da menina com o brinco de pérola que não “guenta mais o vacilão gritando”? Talvez o Grito é que tenha para Mona fazer a *selfie*... Mas Mona, você não pode publicar isso... “Posso sim”, diz marotamente.  
#partiunoite!



**Imagem 9**

Fonte:  
<https://i.pinimg.com/originals/a1/e0/9f/a1e09fd4a3972460881d1eff819fceb.jpg>



**Imagem 10**

Fonte: *Printscreen* de um trecho de uma conversa entre Elenise Andrade e Amanda Leite.

Rir e ar(riscar) junto às pinceladas que foram manipuladas habilmente junto a Munch e *O Grito*, Vermeer e *Moça com brinco de pérola*, Van Gogh e *A noite estrelada* e 'nossa' Mona, a autora da *selfie*. Cores, mundos, séculos, com-fabulações perturbando a supremacia do original perante as cópias degradadas. Coletividade impressa. Chamo Deleuze para a festa:

Um filme não é apenas inseparável de uma história do cinema, mas também daquilo que se escreveu sobre o cinema. Um aspecto do escrever é dizer aquilo que se soube ver. Não há espectador original. Assim não há fim, não há início. Chega-se sempre no meio [*milieu*] de alguma coisa e só se cria no meio [*milieu*] dando novas direções ou bifurcações a linhas preexistentes. (DELEUZE, 2016: 225)

Seria quase um meme pensarmos que Deleuze pudesse estar comentando (assim mesmo, no gerúndio) essa imagem coagulada de tantos meios... O filósofo responde ao perguntador que levanta o fato de que ele praticamente não escreveu nenhum texto “original” (sic) sobre os filmes que analisa em seu *Cinéma 1: L’image-mouvement*, apoiando-se em análise já escritas sobre cinema... Por que a necessidade de uma pergunta que se refira a uma primeira escrita-vidência, uma originalidade?

Quando digitamos e o corretor do smartphone reorganiza as letras apresentando o que teria que estar escrito, estaria ele resgatando uma originalidade de uma palavra perdida? Memes, meses, malditos corretores metidos...

Eduardo Pellejero (2011) atravessa os conceitos de Nietzsche junto às leituras e propostas dos conceitos elaborados por Deleuze principalmente nas obras *Nietzsche e a filosofia* (1962) e *Cinema 2 – A imagem-tempo* (1985). Para continuarmos a deslizar por meios, riscos, desmontagens, des-publicações, não tecerei todas as nuances que Pellejero nos apresenta sobre as trajetórias acerca da potência do falso naqueles filósofos, mas na força que esse texto traz para invocarmos a crítica da verdade em nome da potência do falso. A ficção, então, não mais se opõe ao que era o verdadeiro, mas permite que des-narrativas ficcionais o crie, recrie, invente, intensifique nas aproximações que Deleuze faz junto ao cinema moderno. Tal postura o leva à identificação de que

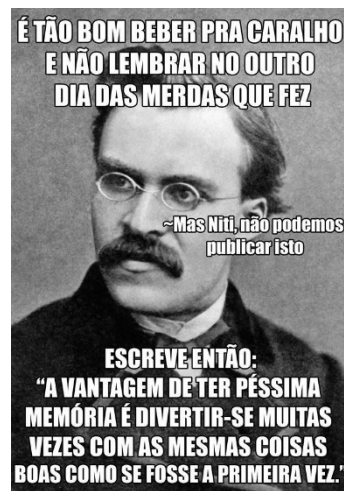
“O colapso da narração verídica, aí, tem por correlato a emergência de uma inusitada potência do falso. Comprovamos então que, enquanto a descrição deixa de pressupor a realidade e a narração deixa de se referir à forma do verdadeiro, a descrição se converte no seu próprio objeto e a narração deve ser falsificante.” (PELLEJERO, 2011: 21).

Falsários, blz?



**Imagem 11**

Fonte:  
[https://i2.wp.com/notaterapia.com.br/wp-content/uploads/2016/07/13775337\\_1054853427883180\\_6201094199804398432\\_n.jpg](https://i2.wp.com/notaterapia.com.br/wp-content/uploads/2016/07/13775337_1054853427883180_6201094199804398432_n.jpg)



**Imagem 12**

Fonte:  
<https://i.pinimg.com/736x/9d/ab/1a/9dab1a0cda08dcc473d2ad212f1156b0--book-jacket-tes.jpg>

Potência do falso na falsidade. Linguagem cotidiana atualizada nas ideias de outros tempos. A classe de Machado, a intimidade com Niti. Deslocamento de si, self, *selfie* em gestos singelos em *des... de...clamar...*

## chão

[palavras para manóel de barros]

apetece-me des-ser-me;  
reatribuir-me a átomo.  
cuspir castanhos grãos  
mas gargantadentro;  
isto seja: engolir-me para mim  
poucoquinho a cada vez.  
um por mais um: areios.  
assim esculpir-me a barro



e resser chã. muito chã.  
apetece-me chãonhe-ser-me.  
(ONDJAKI, 2011: 11)

Des-se-me.

Descer em busca de um coelho branco? Ou de um *chãonhe-ser-me?*

Desmoronamento... Quedas, giros, *despalavras* que se esparramam. Com-tato. Com o tato dos olhos, com a visão das mãos. "O que se pretende é potencializar na palavra o desejo, (des) vestir, fazer surgir o corpo da palavra, a carne da palavra, a palavra-gesto prenhe de cores e sons, o susto, os giros de escritura do desejo, escrit-experimentação" (ROMAGUERA; WUNDER, 2016: 129-130).

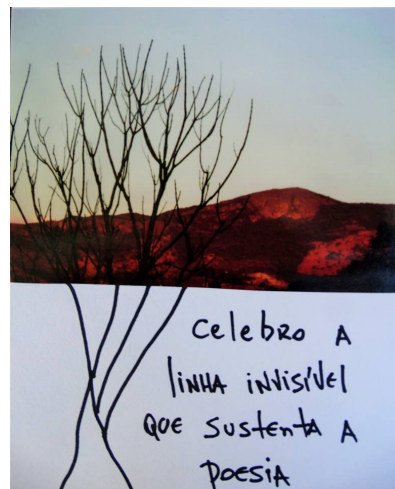
Do meme ao... e...

"Mas Elenise, você não pode publicar isso..."

Posso, sim. Memes e oficinas e escritas em experimentação. Potências caóticas em pensamentos impensados. Alda Romaguera e Alik Wunder nos inundam com imagens e poesias e pós-produções e... e... e... Gestos efêmeros. Memes em exponencial de derivadas voltadas aos castanhos grãos dos átomos. Manoel de Barros que nos esculpe. Ondjaki que não nos desculpe... #poesianaveia.



**Imagem 13**



**Imagem 14**

Imagens publicadas no facebook de Alik Wunder em 22/03/2017. Disponível em <https://www.facebook.com/alik.wunder/posts/10208759493336011?pnref=story>. No post que as acompanha, há a especificação de que foi uma *Oficina de criação Poética e Fotográfica na Rosa Dos Ventos - Carnaval de 2017*.

Composições, sobreposições e disjunções entre fragmentos de livros, poemas rasgados, ilustrações e fotografias. Contingentes e potentes encontros entre poemas e imagens num jogo de experimentação fotográfica e escrita. [...] As foto-escritas experimentais derivam de exercícios de mixagem que se in-ventam a cada encontro, movidos pela pergunta: o que podem as palavras frente à força das imagens? Extrair da palavra sua significação, fazê-la vibrar, é um dos desafios quando se cria um espaço de experimentação coletiva. (ROMAGUERA; WUNDER, 2016: 129-130)

Imagens-sentidos-mundos produzidas-fabuladas-encantadas durante um encontro ocorrido em fevereiro de 2017: *Poéticas da pedra - uma homenagem*

à *Pedra Branca*<sup>8</sup> - (*Pocinhos do Rio Verde, Caldas, MG*). Belezas e(m) intensidades no Sítio Rosa dos Ventos, em Minas Gerais, região explorada do chão ao pó. Do céu ao veio do rio. Resistência expressa no arrastar a arte *no aroma que sustenta a poesia*. Um encontro poético, na APA, músicas, fotografias, experiências sensíveis. Criação em estado alarmante. Alarme para que não dilacere o chão. Que Pedra Branca não *Mariane-se*...

#### **Minerações**

[...]

Há que se ter a discrição dos minérios entretidos com os tons do ar, da água, do fogo – e tão somente – sem desconfiar fortunas. Ser na terra o útero e o filho, sem sinais de medo, nascimento, morte. E como os minérios ignorar o até quando.

[...]

Bartolomeu Campos Queirós<sup>9</sup>

Convido aqui essa produção poética para vibrar junto aos memes em um tempo-duração, “[...]uma fonte de onde emergem potências criadoras, a potencialidade de pensamentos como movimentos associativos e estratigráficos e não estruturados pelo hábito; com percepções atentas do que irrompe e não percepções automatizadas” (SPEGLICH, 2012: 334). A pesquisadora explora essas belezas junto ao conceito de *duração* que Deleuze intensifica em Bergson para tencionar relações de imagens em exposições que

---

<sup>8</sup> A Área de Proteção Ambiental Santuário Ecológico da Pedra Branca situa-se ao sul de Minas Gerais, no município de Caldas. Criada em 2006, como zona de proteção municipal (2007), tem se tornado um foco de resistência dos pequenos agricultores contra as investidas inescrupulosas das grandes mineradoras. Uma das ações foi a articulação da “Aliança em Prol da APA da Pedra Branca”: <https://www.facebook.com/aliancapelapedrabranca/>

<sup>9</sup> Disponível em <http://adeilton-lima.blogspot.com.br/2010/07/mineracoes.html>. Acesso em 03 abril 2017.

abordavam a biodiversidade e que, aqui, convido para atualizar memes e fotografias produzidas nas oficinas em Pedra Branca. Multiplicidade de sentidos atualizados em instantes não cronológicos, gestos ínfimos.

Uma duração que pode ser entendida, a partir dessa proposta, como virtual, procedendo por diferenciação de si mesma, em movimentos de atualização. “Ir do virtual a sua atualização significa habitar a dimensão puramente temporal, criando linhas divergentes de diferenciação. Essa dimensão atua por continuidade (no processo temporal de atualização) e heterogeneidade (porque a atualização se faz por diferenciação)” (Fornazari, 2005, p.40). E, ao serem diferenças de si, impossibilitam a comparação com algo de fora, impossibilitam a referência e a necessidade de dizer a partir de uma referência. (SPEGLICH, 2012: 335).

Chão-gesto. Entre muros e palavras. Referências despedaçadas. Celebração da invisibilidade... Esburacar as conexões representacionais. A questão não seria apenas entrar em contato com essa movimentação no intuito de entender e desvelar os significados das imagens, mas também e sobretudo esvair-se nessas linhas de atualização no transitar dos pensamentos que ainda não foram pensados. Meme-gesto.

“E, na rua, a calçada é aquela parte boa em que é bom ir e vir, parar e até telefonar.” (DRUMMOND, 1972). E telefone também pode ser uma parte boa onde nos divertimos e nos esparramamos com os memes. E a parte boa da calçada também é chão. “**chãotoria**: quando encostando ouvido no chão, que é dizer, quando emprestando ouvido para chão, assim ouve-se uma ópera-de-chão, à qual também se chama chãotoria. (ONDJAKI, 2011: 65)”

Nem ousaremos não publicar, Ondjaki!

## Referências

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de ; SPEGLICH, É. Biodiversidade em imagens, composições em transversalidade. In: Selles, S. E. ; Cassab, M. (Org.). **Currículo, Docência e Cultura**. Niterói: EDUFF, 2012, v. 1, p. 331-355.

ANDRADE, Elenise C. P. (Des)narrar ausências. In VOGT, Carlos *et all* (Orgs.). **Comunicação, divulgação e percepção pública de ciência e tecnologia**. Petrópolis : De Petrus et Alii; Brasília, DF : CAPES; CNPq, 2013.

BERNARDINO, Paulo. Arte e Tecnologia: a criação da imagem nas artes plásticas no final do sec. XX. In **Revista do Programa de Pós-Graduação em Música** da Universidade de Brasília. Ano III, v. 1, dezembro de 2009

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução Nicolau Sevckenko. Cosac Naif, 2009.

CONFORTI, T.B.; RAMOS, E.; ADAMI, S.F.; ROSAS, P.F.C.,FILHO; J.J.B.; CAPONI, H.L.; PARDALIS, A.A. 2007. **Zoneamento Ambiental da APA "Santuário ecológico da Pedra Branca", unidade de conservação municipal**, Caldas, MG. Relatório técnico apresentado ao CODEMA de Caldas, MG

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pebart. 5ª Reimpressão. São Paulo : Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade. Tradução de Guilherme Ivo. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo : Editora 34, 2016.

FORNAZARI, Sandro Kobol. **O esplendor do ser**. A composição da filosofia da diferença em Gilles Deleuze (1952-68). Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

GODINHO, Ana. Máquinas anômalas e nômadas: do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe. In ROMAGUERA, Alda; AMORIM, Antonio Carlos (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e máquinas e devires e... Rio de Janeiro : DP et Alii, 2016.

ONDJAKI. **Há prendisajens com o xão**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

PELBART, Peter Pál. Imagens do (nosso) tempo. In FURTADO, Beatriz (Org.). **Imagem Contemporânea: cinema, tv, documentário, fotografia, videoarte, games...** Volume II. São Paulo : Hedra, 2009.

PELLEJERO, Eduardo. A conjura dos falsários. In: **Humanidades em revista**, n. 6, Ijuí, 2008.

PELLEJERO, Eduardo. Nietzsche como Falsário: A Apropriação Deleuziana da Potência do Falso. In **Existência e Arte** – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei, ano VII, Número VI, Janeiro a Dezembro de 201.

PREVE, Ana Maria H. Geografias, imagens e educação: experiências. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, p. 49-66, ano 4, n.7, 1º semestre de 2013.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266051077>

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Rachel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. **A autoria visual na internet: o que dizem os memes?** Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016.

TOTH, Janderson; MENDES, Viktor Chagas. Monitorando memes em mídias sociais. In SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. (Orgs.) **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: Metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. IBPAD - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados. Disponível em <http://www.ibpad.com.br/o-que-fazemos/publicacoes/monitoramento-e-pesquisa-em-midias-sociais-metodologias-aplicacoes-e-inovacoes/>